

Tanac aposta em uso do tanino para substituir produtos inorgânicos

Empresa tem como meta aumentar o tamanho de sua área plantada, chegando entre 45 mil e 49 mil hectares

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Um extrato vegetal, totalmente natural e que segue a linha da demanda pela sustentabilidade são as características do tanino extraído da acácia negra que fazem com que a empresa gaúcha Tanac tenha boas expectativas quanto ao avanço desse seu produto nos cenários nacional e internacional. O tanino funciona como um bioquímico que pode ser aproveitado em vários segmentos da economia competindo, na maioria das vezes, com itens inorgânicos.

“Estamos bastante otimistas com as perspectivas quanto ao tanino, porque estamos vendo uma procura crescente, não apenas no Brasil, mas fora também”, frisa o diretor-presidente da Tanac, João Carlos Ronchel Soares.

Essa situação favorece particularmente ao Rio Grande do Sul. O executivo recor-

da que a acácia negra cresce em pouquíssimas regiões do planeta.

O insumo pode ser usado, entre outras finalidades, como aditivo de nutrição animal (concorrendo com antibióticos), em estações de tratamento de água e efluentes (competindo com produtos minerais) e no de couro (como alternativa ao cromo). “

A gente tem visto uma tendência muito grande, por muitas empresas, de cada vez mais demandarem o nosso produto por várias questões, desde a pegada negativa de carbono, por saberem que a matéria-prima dos nossos produtos vem de florestas certificadas e que é de fonte renovável”, reforça o dirigente.

Uma nova ação citada pelo diretor-presidente da Tanac é a substituição da amônia, pelo tanino, em itens de borracha. No caso dessa utilização, Soares afirma que a medida evita possíveis alergias na pele do usuário.

Essa iniciativa é desenvolvida pela Tanac em parceria com a Universidade de Brasília e recentemente foi realizado o lançamento de uma planta-piloto com o intuito de fazer os produtos de



Pesquisas com derivados da acácia negra, de onde é extraído o tanino, vêm sendo desenvolvidas em fazendas do grupo no RS

borracha à base de tanino. Outro projeto da companhia, que conta com o apoio de uma companhia chinesa-holandesa, é o desenvolvimento de uma bateria para veículos elétricos, também com o aproveitamento do tanino.

Vendo esse potencial, Soares ressalta que a empresa tem como meta aumentar o tamanho de sua área plantada. A companhia pretende substituir algumas terras de plantios por outras, fazendo um estoque rotativo de sete mil hectares por ano, mas com um crescimento gradativo.

Assim, em seis a sete anos a Tanac espera passar de 38 mil hectares plantados para algo entre 45 mil e 49 mil hectares. Somente neste ano, a expectativa da empresa é investir entre R\$ 65 milhões e R\$ 70 milhões e boa parte desses recursos será voltada ao incremento de ter-

ras plantadas.

A perspectiva da companhia também é conseguir um incremento de aproximadamente 30% na sua capacidade produtiva, que atualmente gira em torno de 30 mil toneladas ao ano de tanino.

“Para a gente atingir esses objetivos, trabalhamos muito fortemente com os acacicultores (produtores de acácias) que têm um relacionamento com a Tanac de, no mínimo, três gerações”, afirma Soares.

A empresa possui 84 fazendas entre próprias e arrendadas, que estão localizadas nos municípios de Encruzilhada do Sul, Piratini, Canguçu, Cristal, Camaquã, Amaral Ferrador, Chuvisca, Dom Feliciano, Cachoeira do Sul, Montenegro, Candiota, Pinheiro Machado, Cerrito, Bagé, Jaguarão, Herval, Arroio Grande e Pedro Osório.

No momento, em torno de 60% do tanino produzido pela companhia é destinado ao mercado externo e 40% para o interno. No caso da madeira, praticamente toda a produção é exportada. Entre os países com os quais a empresa possui negócios estão China, Índia, Estados Unidos e nações europeias.

No município de Rio Grande, a empresa possui uma unidade que faz cavacos de madeira destinados à indústria estrangeira de celulose. Soares recorda que nessa planta foi feito no ano passado um investimento em um novo picador para substituir três equipamentos antigos, que somados tinham a mesma capacidade da máquina atual.

O aporte nessa iniciativa, que segundo ele resultou em melhoria tecnológica e segurança, foi na faixa de R\$ 25 milhões.

Companhia tem indicadores de carbono negativo

Outra característica da Tanac enfatizada pelo diretor-presidente da companhia, João Carlos Ronchel Soares, é a sua pegada negativa de carbono. “Nós capturamos mais do que emitimos e nos últimos três anos a gente vem crescendo quanto a essa captura”, assinala o dirigente, que salienta que o relatório de gases de efeito estufa da empresa é auditado pela Bureau Veritas.

Soares recorda que, em

2020, a Tanac capturava 6 toneladas de carbono equivalente para cada tonelada emitida e em 2023 essa relação passou de 21 toneladas capturadas para cada tonelada emitida.

De acordo com o executivo, boa parte dessa evolução é decorrente do aumento do plantio praticado pela empresa. Soares, ressalta que a companhia é uma indústria de base florestal. “Então, desde a nossa origem, nós cuidamos das florestas, so-

mos uma empresa que faz todo o gerenciamento de plantio, manuseio, colheita e entrega de casca e toras de acácia negra”, detalha.

O dirigente destaca que 100% das florestas da Tanac contam com a certificação FSC (em inglês Forest Stewardship Council) que demonstram as melhores condições de trabalho em relação ao reflorestamento.

No segmento da silvicultura em geral, Soares considera

que ainda há várias questões que podem ser aprimoradas, especialmente no que se refere à regulamentação do setor. O diretor-presidente da Tanac classifica o Rio Grande do Sul como um dos estados mais difíceis em termos de obtenção de licenciamento ambiental, principalmente quando diz respeito à área contígua.

“Por exemplo, se eu tenho uma fazenda já com plantação de acácia e aparece a oportuni-

dade de a gente transformar uma pastagem que é vizinha a nossa, temos muitos problemas com a liberação dessas terras e isso acaba afetando o trabalho de silvicultura”, aponta o dirigente.

No entanto, ele classifica como uma boa notícia a Lei 14.876, aprovada no Congresso e sancionada pelo governo federal, que retira a silvicultura da lista de atividades potencialmente poluidoras e utilizadoras de recursos ambientais.